

Apresentação

O dossiê deste número de *Lutas Sociais* aborda um tema incontornável: o dos chamados acidentes ambientais que insistem em se reproduzir com as frequentes consternações imediatas e os esquecimentos de praxe, sem qualquer tentativa de chegar à raiz do problema. Naturalizam-se “desastres”, cuja repetição e impunidade os tornam parte do negócio. Ou pior, de um voraz processo de acumulação capitalista dependente.

Raquel Varela abre a seção do dossiê com a análise dos limites da autonomia impostos à soberania dos países periféricos, verdadeiras semicolônias onde se produzem matérias-primas indispensáveis às cadeias produtivas sediadas nos países imperialistas.

Um conjunto de textos faz uma análise crítica do rompimento da barragem de Fundão, em Mariana-MG, e do processo de exploração de minério de ferro no Brasil. Kathiúça Bertollo examina o contexto das lutas de classes e da relação de dependência três anos após o rompimento/crime daquela barragem. Ao analisarem o mesmo rompimento, Claudia Rojas e Doralice Pereira concluem que as mineradoras têm administrado os “acidentes” por meio de estratégias centradas em arranjos institucionais e jurídicos que inauguraram no país um capitalismo de desastres. Tádzio Peters Coelho, que também se referencia empiricamente no mesmo rompimento da barragem de Fundão, analisa as relações de trabalho e produção em Mariana e Brumadinho, a interdição que a atividade mineradora impõe a outras atividades e as relações de dependência nas quais ela se insere e reforça a minério-dependência. Ana Elisa Cruz Corrêa apresenta uma análise do caráter destrutivo da produção de valor no capitalismo, assim como da crise estrutural deste sistema, e aborda o papel dos governos petistas como realizadores de uma gestão da barbárie e avalia as dificuldades impostas aos movimentos sociais pela chegada da extrema-direita ao governo do país. Este bloco se encerra com uma importante entrevista que Marcelo Giraud concede a Daiana Melón e a Celia Regina Congilio. Nela, Giraud explica como a resistência popular tem freado diversos megaprojetos de mineração, inclusive da Vale, na província argentina de Mendoza.

Os estudos de marxistas sobre as corporações transnacionais, que produzem o colapso do meio ambiente, são recuperados por Henrique Tahan Novaes, que também procura demonstrar as potencialidades anticapitalistas da luta ambiental. A partir da análise preliminar do material escrito pela organização da Marcha

das Margaridas, Ilse Gomes Silva e Berenice Gomes da Silva destacam a forte preocupação com o meio-ambiente em toda a sua abrangência, preocupação que leva em conta o desmonte governamental das políticas ambientais. Adilson Amorim de Sousa aborda o movimento indígena equatoriano, um dos atores sociais mais importantes daquele país.

Raiane Assumpção, Valéria de Oliveira Silva e Aline Rocco Gomes abrem a seção de artigos fora do dossiê. Elas apresentam a análise que fizeram, com base em importante pesquisa, com sessenta famílias de jovens assassinados pela política militar, na Baixada Santista, entre 12 e 20 de maio de 2006. As autoras reconstituem o contexto desta violência extrema e dão voz aos familiares das vítimas. Ingrid Karla da Nóbrega Beserra expõe distintas abordagens da pobreza e de seu enfrentamento na atualidade, quando o Estado Liberal deprime as políticas sociais e promove o ideário de um Estado Penal. Verônica Martins Tiengo, ao estudar o processo de constituição da população em situação de rua, apresenta tipos distintos desta população em duas fases do capitalismo.

Dois livros inovadores são resenhados neste número: *A finança digitalizada*, de Edemilson Paraná; e a coletânea organizada por Henrique Amorim, *Trabalho (imaterial), valor e classes sociais*.

Como a cada número de *Lutas Sociais*, permanecemos abertos às críticas de nosso(a)s leitor(e)a(s).

Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida
Editor